

Retomada do cotidiano é lenta em SC

Defesa Civil ainda não interditou imóvel de meninas que tiveram casa desbarrancada depois da enchente em Itajaí

Graziela Delalibera
graziela.delalibera@bomdiasorocaba.com.br

AJUDA A CAMINHO
A Defesa Civil de Itajaí (SC) ainda não interditou a casa das irmãs Gabriela de Oliveira Constantino, 10 anos, e Cintia de Oliveira Zimerman, 23. Elas receberam doações de Sorocaba no último sábado, após terem perdido tudo por causa da chuva. A casa está desbarrancando e elas estão com parentes.

A Defesa Civil informou que deverá enviar engenheiros ao local até amanhã para vistoria, porém, adiantou que a casa não tem titulação e que o caso deve ser resolvido por via judicial. A prefeitura está organizando um cadastro de famílias que perderam suas casas com as chuvas. Serão construídos num primeiro momento 150 imóveis para atender às vítimas. Itajaí já tem demanda para a construção de 600 casas em consequência do alagamento que tomou a cidade no dia 22.

Além das meninas, também receberam doações de Sorocaba a família do funcio-

nário público Alex de Andrade, 22. As oito pessoas que moram na mesma casa ganharam quatro colchões, roupas, água potável, material de higiene e limpeza, além de cestas básicas.

O Colégio Salesiano cedeu uma área para guardar doações de Sorocaba, e ontem começou o grosso da distribuição. “O que vi foi muito bom, depois da tragédia, um sorriso enorme no rosto das pessoas”, diz o voluntário Reinaldo Escamez.

Domingo, o BOM DIA foi até Ilhota, num helicóptero da Marinha, falar

com famílias abrigadas vindas do Complexo do Baú. Conhecemos Juliana, que completava 25 anos aquele dia. Ela estava na sede da Apae com a filha de 4 anos, o marido, a mãe e um irmão. “Não quero falar nada. Só quero saber qual vai ser a solução.” As pessoas que estão nos abrigos se queixam da incerteza. “Os morros desceram em frente e ao redor da minha casa.” Do deslizamento de lama até o resgate foi um dia e meio. “Deixamos tudo para trás”, contou a mãe de Juliana, Doracy Bruns, 53.

Casa de irmãs está em área de risco e espera interdição

‘Não quero falar nada. Só quero saber qual vai ser a solução’

Juliana, 24 anos, moradora do Complexo do Baú

‘O que vi foi muito bom, depois da tragédia, um sorriso enorme no rosto das pessoas’

Ronaldo Escamez, voluntário

Equipe acompanha buscas

Após quatro dias de envolvimento intenso no cotidiano das vítimas em Santa Catarina, a reportagem do BOM DIA retornou segunda-feira a Sorocaba. Domingo logo pela manhã, o BOM DIA esteve num helicóptero da FAB, com 13 oficiais da Força Nacional, três cães farejadores e dois geógrafos até o Complexo do Baú. A descida foi no PC-2 (Posto de Controle 2), onde ainda há riscos de deslizamentos.

As buscas por corpos no local foram retomadas quinta-feira, depois que as chuvas deram uma trégua. “Você está vendo, as casas

são boas. Não há construções precárias. Mas quem estava aqui saiu como pôde. Deixou carro, caminhões, animais, janelas abertas, tudo para trás”, contou o geógrafo César Bastos, que tinha como missão analisar as condições de segurança do terreno onde os homens iriam fazer as buscas.

A lama que desceu pelos morros parou no ponto onde a equipe estava. Se tivesse continuado, ela teria aumentado e engolido tudo o que havia pela frente. O geotécnico calcula que ainda exista na área cerca de 15 metros de profundidade de lama.



Gabriela de Oliveira Constantino, 10 anos, e Cintia de Oliveira Zimerman, 23, na frente da casa destruída pela enchente



Homens da Força Nacional chegam com cães para buscas por corpos no Posto de Controle 2, no Complexo do Baú



Foto aérea mostra local abandonado ao pé do morro, no Complexo do Baú: pessoas saíram deixando tudo para trás